

Deux-Magots. Chesterton, que já os observara no século XIX, descreve-os como aqueles que “ao redor de um copo de absinto levantam o véu de Isis e revelam o segredo de Stonehenge.”

A descrição de O’Henry talvez seja ainda melhor.

Jeff Peters, o trapaceiro escrupuloso, funda um culto secreto e dirige-se aos seus discípulos:

“Sou o único Sanhédrin e o ostensivo *houpla* do Púlpito interior. Os mancos vêm e os cegos andam desde que lhes dê um passe.”

• Trazem-lhe um doente.

“Você está com uma grave inflamação da clavícula direita do clavecino”, diagnostica Peters.

E como o doente fica apavorado: “Tranquilize-se”, você não tem clavícula, não tem clavecino e nunca teve nada no cérebro. Levante-se e ande.”

Assim que o doente dá um pulo, curado, Jeff Peters dá as últimas instruções: “Dêem-lhe um bom bife e oito gotas de terebintina.”

Será que Gurdjieff leu O’Henry? É bastante provável. Porém há uma coisa, o fato de escroques fabricarem dinheiro falso não impede a existência do verdadeiro. E a existência de escroques na iniciação não impede que deva haver uma verdadeira. Podemos defini-la da seguinte maneira:

Nas civilizações avançadas do passado, também deve ter havido sociedades secretas adiantadas em relação ao meio local e temporal. Estas civilizações morreram mas algumas sociedades secretas sobreviveram. O seu saber, o seu poder é o que a iniciação deve revelar. Existem idéias que não podemos ter espontaneamente, ou, mais exatamente, que não aparecem espontaneamente num cérebro humano a não ser por uma vez em toda a história da humanidade. Estas

idéias são conservadas pelos iniciados, desde épocas muito remotas, e são às vezes comunicadas.

A quem? E por quê?

A segunda pergunta é a mais fácil: para que este saber não desapareça completamente.

A primeira é a mais difícil: deve haver numa geração muito poucas pessoas dignas de receber o conhecimento. Como reconhecê-las e sobretudo como é que os pequenos colégios de iniciados tomam conhecimento da sua existência? Não sei.

Por duas vezes, tentei bater em portas que se abriam pelo menos para o primeiro degrau da escada que conduz à iniciação. Por duas vezes fui repellido por moralidade insuficiente.

Robert Amadou escreve em seu prefácio à recente edição na coleção 10/18 de *Le Symbolisme de la Croix*, de René Guénon:

“Acrescento que, segundo outros testemunhos, inéditos, René Guénon, quando de sua estada na Argélia (Sétif, 1917-1918; Hammam Rirha no verão de 1918), teria recebido a *baraka* do célebre xeque El Alaoui, de Mostaganem. Garanto-o ainda menos” (*Sur la Terminologie de l’Esoterisme Islamique*, cf. infra).

Anteriormente, René Guénon tivera um ou diversos mestres hindus, na França, no começo de 1909, no máximo, segundo Chacornac (*op. cit.*, p. 42) e provavelmente em 1904-1905, segundo Jean Reyor (“En marge de la Vie simple de René Guénon”, *Études Traditionnelles*, janeiro-fevereiro de 1958, p. 7).

Acredito.

Jamais ouvi falar do célebre xeique El Alaoui, nem tampouco nenhum dos meus amigos muçulmanos. Seguindo esta linha, talvez Guénon tenha encontrado realmente alguns iniciados. Isto não está muito claro na sua obra.